
PREFÁCIO

SER metódico

SER metodológico

Luiz Antonio L. Coelho

Etimologicamente, o morfema “método” vem do grego *méthodos* em que *metá*, corresponde a “atrás” ou “em seguida” e *hodós* corresponde a “caminho.”

O presente texto objetiva a apresentação de uma obra acadêmica coletiva. Busca juntar pontas que às vezes podem parecer dispersas, mas que constituem intertextos entre áreas e contextos de reflexão, conceitos, expressões, palavras e termos, enfim. Minha preferência recai no morfema “termo”, que usarei a seguir operacionalmente ao longo desta peça porque me parece envasar genericamente os termos antecedentes em dialógica.

A obra em questão é fruto do empenho do conjunto de agentes que trabalham na investigação científica — da geração de ideias até a divulgação das mesmas — passando por uma cadeia de docentes, estudantes e técnicos. São esses, os membros da unidade de ensino, do Departamento de Artes e Design, particularmente aqueles que lidam diretamente com produção científica dos grupos de pesquisa e laboratórios que compõem a unidade, como também aqueles que atuam na cadeia produtiva editorial. Esse contexto de vozes que convergem para o produto final até a ponta, no ato da leitura, é o que avaliza e garante a excelência do trabalho realizado. A seguir, passo a detalhar meu apreço relativo à importância desse esforço coletivo através de uma excursão de natureza semântica.

Às vezes usamos palavras intercambialmente como se sinônimos fossem, sem darmos conta que, de fato, elas delineiam conceitos distintos, muitas vezes aparentemente distantes. Entretanto, a sinonímia, em si, é um recurso de busca de emparelhamento de termos por seus significados, em geral denotativos, que encadeiam uma semiose ilimitada que se estende *ad infinitum* (Charles Sanders Peirce).

Cada termo possui um núcleo semântico como se fosse uma mancha ou uma reserva de significados cujos limites não se consegue atingir de pronto. Como se em torno de si houvesse limites imprecisos de sentido e sem um significado único. Sim, os sentidos de um termo vêm e somente se expressam na relação com outros termos. Simplesmente, porque um sinônimo que se busca é “desvendado” em fontes que se propõem a alinhar semelhanças semânticas para nos orientar na direção da acepção que buscamos. São essas fontes os dicionários que nos apresentam alguns termos que cruzam sentidos aparentados, mas jamais um sentido unívoco. Que se saiba, sentidos unívocos são concebidos apenas através das linguagens matemáticas.

O título desta introdução nos leva ao termo “método”, e sua etimologia revela que quando queremos conhecer significados entramos em um labirinto de “ir atrás”, de “buscar” e seguir caminhos para encontrar significados.

Nesse ponto, colocamos uma questão: o que, afinal, o termo “método” tem a ver com a produção desta obra do Departamento de Artes e Design? Eu diria que TUDO. A etimologia do termo “método” anda de braços dados com qualquer significado que se objetiva. Alude a “metas”, “caminhos” e “ir atrás” de significações, não somente de termos linguísticos, mas também de realizações concretas como qualquer ação de busca. Na pesquisa científica, essa busca tem perfis específicos determinados pela ciência.

A seguir, teço alguns comentários sobre o que se entende por ciência na contemporaneidade e, para isso, faço uma digressão que tenta adentrar agora no título que prefacia essa reflexão, i.e. “SER metódico, SER metodológico”.

O substantivo “método” compreende adjetivos que expressam qualidades ou características em cuja reserva de sentido gravitam os termos “metódico” e “metodológico”. A priori, metódico vem a referir-se à qualidade de quem, em princípio, possui maneiras próprias de agir dentro de um padrão definido e também adequado a si. É um termo que descreve alguém que tem um comportamento previsível e repetitivo de atividades. Já “metodológico” remete diretamente à “metodologia”, ou à disciplina que tem seu fulcro no estudo das maneiras de trabalhar, em geral desenvolvidas no âmbito acadêmico, que busca atuar através do chamado texto

científico. Por excelência, tal texto caracteriza-se pela busca da precisão de sentidos em sua capacidade de autoverificação e adaptação aos desafios dos paradigmas científicos ao longo do tempo. Longe da ideia positivista da ciência infalível, a ciência contemporânea incorpora a imprecisão na busca pela precisão. Diante do paradoxo de buscar precisão e, ao mesmo tempo, abrir-se a desafios, o texto acadêmico — particularmente aquele que tem por ferramenta a reflexão e argumentação através da língua dita natural, escrita ou oral, a exemplo das Ciências Humanas e Sociais, mas não apenas destas — torna-se científico porque admite seus próprios limites no caminho de quem busca pelos significados dos termos que utiliza e também deixa claro que não é a voz de uma só mente. Necessita que seus pares aceitem uma verdade que permanece até que deixe de valer. E por isso ganha o foro de verdade efêmera. A verdade científica se faz justamente por não se importar que não seja perene. Depende de um contrato social e, assim, representa um consenso. Mudanças não garantem necessariamente a evolução. Contudo, evoluir sempre compreende mudanças aceitas sob o escrutínio da própria comunidade científica. Consequentemente, a pessoa metodológica precisa da consciência da qualidade do que é ser metodológica e agir dentro dos padrões aceitos.

A obra que é o foco deste introito se faz dessa abertura do ser e agente metodológico. Aquele que busca relações, não se isola ou encastela-se. E, dessa maneira, se faz científico nos limites aqui ajustados.

Finalmente, há que se diga que a noção de científico está mais ligada a valores intrínsecos de cada corpo de conhecimento estabelecido em princípios gerais de trabalho das ciências que lhe deram origem. Para os acadêmicos do Design, ciência é entendida como corpo complexo de teorias e hipóteses que vêm sendo trabalhadas com sucesso, logrando definir normas e princípios facultados por testes e avaliações constantes, prevendo, como já dito, sua própria validade, efemeridade e negação.

No Design, temos duas matrizes metodológicas que se alinham à consciência do paradigma contemporâneo, e que representam o ser metodológico enquanto verbo ou substantivo. São elas o Design Social e o Design Thinking. O primeiro, também conhecido como Design Participativo, refere-se a um método cooperativo ao longo de todo o processo, das primeiras ideias de determinado projeto até o final da linha, o desuso. Também observa as qualidades que um produto deve ter, considerando a mentalidade dos demais métodos existentes, principalmente em relação aos técnicos envolvidos e aos usuários específicos, que passam a ser os protagonistas do processo. Então, todos os agentes envolvidos, técnicos e usuários, são convidados a opinar ao longo do processo. Já o Design Thinking representa um sistema *Think Tank* de um corpo de especialistas de outras áreas

do conhecimento, que se associam aos designers e que emprestam não apenas sua expertise, mas também suas visões políticas e econômicas no atendimento à resolução de problemas específicos do projeto e contribuem para a busca de soluções da área.

Para a metodologia científica, o ser metodológico é aquele que respeita os valores intrínsecos de seu campo de trabalho. Esses valores compreendem, de modo geral, a antevisão:

- da possibilidade física de um trabalho específico relativo ao tamanho da amostra a ser pesquisada, o que se relaciona com a explicitação da delimitação do referido trabalho;
- da probabilidade de conseguir respostas aceitas pelos pares do campo;
- da verificação de disponibilidade de meios próprios a seu alcance, esquivando-se de meios que provavelmente não seriam alcançáveis diante de limitações de naturezas as mais distintas;
- da busca pela economia e simplicidade de energia de qualquer natureza no desenvolvimento do trabalho;
- do grau de precisão em relação ao que se pode generalizar e que possa garantir o aceite da comunidade científica;
- da seriedade na ética do desenvolvimento do trabalho, dos métodos empregados às conclusões obtidas;
- da segurança no processo através da pertinência dos métodos utilizados;
- da correção gramatical das linguagens utilizadas para expressar o percurso metodológico e os achados da pesquisa;
- da clareza de meios e linguagem utilizada, sejam de natureza verbal ou visual;
- da consistência e organização lógica do trabalho;
- dos testes dentro dos padrões científicos, também sob a testabilidade empreendida por técnico semelhante;
- da utilização de sistema de avaliação aberto a crítica;
- do empenho na explicitação que dê credibilidade e aceitabilidade para quem venha trabalhar com os mesmos métodos;
- da busca da consciência do processo dentro dos padrões estabelecidos, embora se admita a serendipidade e mesmo a intuição reveladas nas hipóteses geradas;
- da busca pela isenção e objetividade, na medida do possível.

Tais valores, enquanto pauta do que se entende por ciência dentro de um paradigma que se distancia da visão positivista, representam a mentalidade e o lugar de ação do ser metodológico, como também a qualidade e postura que certamente se pode identificar nos trabalhos da presente obra. No entanto, nada disso poderia acontecer em um local avesso a essa pessoa que se caracteriza como livre pensadora. O ser metodológico surge da liberdade de sonhar e realizar dentro dos princípios que consagram a postura científica aqui balizada. O Departamento de Artes e Design da PUC-Rio possui uma característica que reflete a mentalidade transdisciplinar em sua grade curricular e na postura de seus pesquisadores. Pode-se dizer, representa a sensibilidade do Design contemporâneo, de estrato pós-estruturalista, combinando docentes provenientes de diferentes áreas do conhecimento, que se juntam a alunos de graduação e de pós-graduação, que encontram a liberdade de pensar e ousar, reforçando a postura de romper barreiras. Esse departamento segue o moto da própria instituição que afirma que nada é pesado para quem tem asas, *“Alis Grave Nil”*.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2021.

Luiz Antonio L. Coelho

